

OS SENTIDOS DA ESCRITURA EM ORÍGENES

The Senses of Scripture by Origen

Marcus Reis Pinheiro¹

Rodiny Santos Berçot Junior²

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar os três sentidos (literal, moral e espiritual) das Escrituras em Orígenes, esclarecendo alguns aspectos essenciais para se compreendê-las. Estes sentidos estão relacionados com o caráter salvífico da história humana, sendo, assim, necessário apresentar aspectos pneumatológicos e cristológicos do sistema filosófico e teológico de Orígenes. Assim, a estrutura geral do artigo terá duas grandes partes. Em uma primeira, temos uma apresentação geral dos temas mais importantes para a interpretação das escrituras, e em uma segunda, uma descrição dos seus três sentidos, relacionando-os com o drama salvífico humano. Desta maneira, na primeira metade, após um breve comentário sobre a obra de Orígenes e seu contexto neoplatônico, começaremos apresentando algumas características da vida pessoal de Orígenes que colocam o tema da escritura e sua análise detida como um dos seus temas biográficos centrais. Ainda em uma preparação à segunda parte do trabalho, abordaremos algumas características que Orígenes atribui às Escrituras: a unidade entre Antigo e Novo Testamento, a função moral e espiritual do texto sagrado, e seus aspectos pneumatológicos e cristológicos. Então, na segunda parte, finalmente, descreveremos os três sentidos das escrituras (literal, moral e espiritual) e suas funções no drama salvífico da criação.

Palavras-chave: Orígenes. Hermenêutica. Sagradas Escrituras. Sentido espiritual. Antropologia teológica.

ABSTRACT

The purpose of this article is to present the three senses (literal, moral, and spiritual) Origen attributes to Scriptures by clarifying some essential aspects to their understanding. These senses are related to the saving character of human history, and it is therefore necessary to present the pneumatological and Christological aspects of Origen's philosophical and theological system.

¹ Professor Associado do Dept. de Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: neoplatonismo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3502-5868>.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: rodinyjunior@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8460-4458>.

Thus, the article's overall structure has two major parts. The first one is a general presentation of the most important themes for the interpretation of the scriptures, and the second part, a description of its three senses by relating them to the human saving drama. In this way, in the first half, after a brief commentary on Origen's work and its Neoplatonic context, we will begin with some of Origen's personal life characteristics which place the writing theme and its detailed analysis as one of his central biographical themes. In preparation for the second part of the work, we address some of Scriptures' characteristics, as seen by Origen: the unity between Old and New Testaments, the moral and spiritual function of the sacred text, and its pneumatological and Christological aspects. Then in the second part we finally define the three senses of the scriptures and their roles in the saving drama of creation.

Keywords: Origen, hermeneutics, Sacred Scriptures, spiritual sense, theological anthropology

1ª parte: Orígenes, Escrita, *Logos* e *Pneuma*.

Temos alguns temas a serem tratados neste artigo. De modo proeminente, o nosso objetivo é apresentar os três sentidos (literal, moral e espiritual) das Escrituras em Orígenes, autor importantíssimo para toda a história da interpretação das escrituras e para toda análise de textos, isto é, para a hermenêutica³ em sentido lato. No entanto, para alcançarmos uma descrição bem fundamentada da hermenêutica de Orígenes, precisaremos apresentar tanto o aspecto pneumatológico (marcado pelo Espírito Santo) quanto o aspecto cristológico das escrituras. Isso, por fim, nos levará a descrever as relações fundantes entre o ser humano, também marcado por uma dimensão tripartite, e as escrituras, relação essa de salvação pneumatológica e cristológica.

Assim, a estrutura geral do artigo terá duas grandes partes, em uma primeira, uma apresentação geral com os temas mais importantes para a in-

³ Ao usarmos os termos "exegese" e "hermenêutica" para falar de campos notáveis na obra origeniana, usamo-los anacronicamente para designar o que Orígenes chamava "ler e compreender as Escrituras". Portanto, ligando estas expressões origenianas às especializações modernas dos campos da exegese e da hermenêutica, podemos dizer, sendo-lhe fiel, que saber ler o texto (exegese) passa pelo trabalho de descoberta do texto original, do estudo das suas particularidades gramaticais, etc., e saber compreendê-lo é todo o trabalho da hermenêutica. O alexandrino faz sempre esta dupla tarefa quando estuda as particularidades do texto para evitar os erros crassos ou as interpretações fantasistas fundadas sobre uma má leitura e, partindo da inspiração divina da Escritura, estabelece a doutrina dos diversos registros da sua interpretação. É, então, neste sentido de saber ler e compreender as Escrituras que entenderemos respetivamente, em Orígenes, a exegese e a hermenêutica (cf. HARL, M. "Introduction", in *Phil.* 1-20 sur les Écritures, 44-45).

terpretação das escrituras, e em uma segunda, uma descrição dos seus três sentidos. Desta maneira, na primeira metade, após um breve comentário sobre a obra de Orígenes e seu contexto neoplatônico, começaremos apresentando algumas características da vida pessoal de Orígenes que colocam o tema da escritura e sua análise detida como um dos seus temas biográficos centrais. Ainda em uma preparação à segunda parte do trabalho, abordaremos algumas características que Orígenes atribui às Sagradas Escrituras: a unidade entre Antigo e Novo Testamento, a função moral e espiritual do texto sagrado, e seus aspectos pneumatológicos e cristológicos. Então, na segunda parte, finalmente, descreveremos os três sentidos das escrituras (literal, moral e espiritual) e suas funções no drama salvífico da criação.

1ª parte:

Orígenes se insere claramente no movimento neoplatônico do século III d.c. Além da óbvia proximidade biográfica e temporal com autores fulcrais do neoplatonismo⁴, como Amônio Sacas, Plotino e Porfírio, Orígenes apresenta alguns elementos importantes de sua obra em um diálogo claro com teorias levantadas por Platão e por autores do que se chama médio-platonismo (como Filon, por exemplo). Podemos destacar, como o faz muito bem Henri Crouzel⁵, paralelos, com semelhanças e diferenças, nas três hipóteses de Plotino com diversos aspectos da obra de Orígenes, assim como sua antropologia e sua concepção de mundo. O livro de Crouzel segue as hipóteses de Plotino e as compara com Orígenes no que concerne o Pai (com o Uno de Plotino), o Filho (com o Intelecto de Plotino) e diversos aspectos na noção de Espírito Santo, de alma humana de Cristo e outros aspectos (relacionados com a hipótese da Alma em Plotino).

Nosso intento, no entanto, é trabalhar a noção de exegese e interpretação do texto, especialmente pensando este texto como inspirado e proporcionando alcançar compreensões profundas, espirituais e místicas. No

⁴ Há certa controvérsia sobre se foi este Orígenes cristão que teria sido aluno do mesmo Amônio Saccas, o misterioso professor de Plotino. Há muitos trabalhos sobre a relação entre os dois, citamos apenas dois bastante conhecidos: CROUZEL, H. *Origène et Plotin, Comparaisons doctrinales*. Paris: Téqui, 1991 e RIST, J. M. *Eros and Psyché: Studies in Plato, Plotinus and Origen*. Toronto: University of Toronto Press, 1964.

⁵ CROUZEL, H. *Origène et Plotin, Comparaisons doctrinales*. Paris: Téqui, 1991.

entanto, salta aos olhos o fato de, pelo menos em Plotino, não haver uma preocupação hermenêutica como se reconhece no alexandrino cristão. Claro que Plotino é acima de tudo um intérprete de Platão, como ele mesmo nos diz, mas a fundamentação metodológica de uma hermenêutica e do estatuto ontológico divino das escrituras não se encontra nas *Enéadas*. Deve-se seguir para outros autores, não menos importantes na tradição neoplatônica, para reconhecermos uma relevância e função correlatas as de Orígenes para com as escrituras.

Assim, será especialmente em Proclo que encontramos explícitas as preocupações em estabelecer uma fundamentação das leituras de textos (considerados de alguma forma sagrados) como acesso privilegiado às realidades superiores. Proclo é um grande intérprete de Platão e talvez essa seja sua função primordial, interpretar os textos do mestre, cuja função principal é a de proporcionar uma espécie de iniciação ao mundo superior. Como nos afirma Cicero Cunha Bezerra, para Proclo, fazer filosofia é fazer exegese dos textos de Platão. Isto ocorre, pois Platão se insere numa linhagem de poetas pensadores inspirados, como Orfeu, Homero e Hesíodo. Como nos afirma Bezerra:

[...]esforço de sistematização, realizado por Proclo, do *pensamento inspirado* de Platão entendendo-o como um jogo imagético entre a inteligência e os objetos intelectivos, características centrais da sua teologia(2018, p.172)

Desta maneira, deve-se sublinhar que há uma interpretação básica do neoplatonismo que afirma que os textos inspirados (especialmente os de Platão) nos reportam, além de sua dimensão literal explícita, também realidades *não ditas*, isto é, ditas misteriosamente. Para se alcançar tais sentidos sublimes que vão além do sentido literal, o filósofo deve passar por processos pessoais que o possibilitem entrar mais profundamente naqueles mistérios. Bezerra continua afirmando que “é por essa razão que a atividade exegética é, para a tradição neoplatônica, o objetivo fundamental” (BEZERRA, 2018. p.37), e cita Abbate (2008, p.30) como confirmando e aprofundando essa ideia. Neste sentido, o trabalho aqui se insere dentro desta tradição neoplatônica de procurar sublinhar os aspectos inspirados e espirituais da interpretação de textos sagrados. Vamos, então, em uma primeira

parte, a certos dados biográficos de Orígenes que contextualizam a importância das escrituras em sua obra.

O objetivo deste artigo, como já foi dito, consiste em apresentar alguns elementos centrais do pensamento de Orígenes sobre as escrituras, e o primeiro ponto que salta aos olhos é a importância da análise cuidadosa das escrituras ao longo da vida do autor. Não há dúvida de que Orígenes foi, em primeiro lugar, um estudioso e um hermeneuta da Escritura. A prova desta afirmação é expressa através da vastíssima produção literária sobre a Escritura, são inúmeros *Comentários*⁶, *Homilias*⁷ e *Scholias*⁸. Segundo o filósofo alemão Werner Jaeger, os escritos de Orígenes servem a propósitos diferentes, ao passo que as *Homilias* dirigiam-se aos cristãos mais simples, seus *Comentários* eram para cristãos de um nível mais elevado, todavia, não se trata, como veremos a seguir, de um dualismo, ou seja, não devemos contrapor essas obras, mas, levá-las em consideração em seu conjunto que expõe o *homem todo*⁹.

De Eusébio de Cesareia colhemos informações que desde tenra idade Orígenes aplicava-se aos estudos das Escrituras:

exercitando-se desde a infância nas divinas Escrituras. A estas se aplicara diligentemente, em medida extraordinária, pois seu pai, não contente de fazer com que passasse pelo ciclo dos estudos, não havia considerado supérflua a solicitude pelas Escrituras. Acima de tudo, portanto, antes de se dedicar às disciplinas helênicas, ele [Leônidas] o havia levado a exercitar-se nos estudos sagrados, exigindo diariamente dele recitações e prestação de contas. E isto não desagradava ao menino, que, ao contrário, trabalhava com zelo excessivo, de tal sorte que não lhe bastava conhecer o sentido simples e óbvio das Escrituras sagradas, mas já procurava, desde aquela ocasião, algo mais, querendo descobrir uma visão mais profunda. Chegava mesmo a deixar o pai embaraçado, fazendo-lhe perguntas sobre o que queria indicar a Escritura divinamente inspirada. Este, exteriormente, fingia repreendê-lo, exortando-o a não procurar saber o que estava acima de sua idade ou além do sentido óbvio.

⁶ Os comentários bíblicos realizados por Orígenes são trabalhos de maior fôlego, percebe-se um esforço em dar uma exegese científica ao texto, pois existe neles uma mistura única de notas filológicas, textuais, históricas e etimológicas com observações de caráter teológico e filosófico.

⁷ São sermões em capítulos ou passagens selecionadas da Bíblia, os quais teriam pronunciado em reuniões litúrgicas ou pregações.

⁸ Cf. nota 19.

⁹ Jaeger chama ainda a atenção que é nas Homilias que encontra-se o verdadeiro Orígenes, o teólogo de coração, sendo, em sua opinião, os Comentários e escritos dogmáticos, frutos de uma consequência das polêmicas de seu tempo. Cf. JAEGER, W. *Cristianismo primitivo y paideia griega*. 5ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1985, pp. 76-77.

Mas, interiormente, sentia intensa alegria, dando muitas graças a Deus, causa de todos os bens, por ter merecido ser pai de tal filho (EUSÉBIO DE CESAREIA. *Hist. ecc.* VI, 2,7-10).

A inquietação pelo conhecimento “mais profundo” do texto sagrado acompanhará Orígenes ao longo da vida e resultará numa produção abundante sobre os livros da Escritura, que basicamente comentou todos. Ele compreendeu que uma boa hermenêutica da Escritura deve se basear, sempre que possível, no texto que tivesse alguma segurança no seu nível também material. Esta dimensão crítica, que testemunha o seu grande amor e cuidado pela letra da Escritura, resplandece sobretudo no seu exercício de construção filosófica que foram seus *Hexapla*. Esta obra monumental de crítica textual do Antigo Testamento, composta de seis colunas paralelas, destacava, da esquerda para a direita, o texto hebraico, uma transcrição do texto hebraico em caracteres gregos (*Secunda*), a versão grega de Áquila de Sinope, a de Símaco; o Ebionita, o texto grego da Septuaginta¹⁰, e, por fim, a versão de Teodócio¹¹. Os *Hexapla* consistem em vinte e cinco anos de trabalho árduo e rigoroso do nosso autor, iniciado em Alexandria e finalizado em Cesareia. Eusébio cita esse empreendimento de Orígenes:

¹⁰ Observa-se que a recensão crítica deste texto tem grande importância nos *Hexapla*. Por isso, nesta obra, não se trata apenas das cópias da Septuaginta, mas da recensão crítica de Orígenes, com os seus complementos conforme ao texto hebraico e às suas notas críticas. Trata-se, então, do texto grego da Septuaginta, fruto duma recensão crítica a partir das outras versões veterotestamentárias dos *Hexapla*. Esta recensão eclética da Septuaginta de Orígenes teve uma significativa influência no texto do Antigo Testamento em diversos manuscritos importantes, como o Codex Sinaiticus. A obra original, que se acredita ter tido por volta de 6.000 páginas. Para maior aprofundamento cf. MUNNICH, O. Les Hexaples d'Origène à la lumière de la tradition manuscrite de la Bible grecque, in *Origeniana VI* (1995) p. 177.

¹¹ Cf. DORIVAL, G., *Esapla*, in CASTAGNO, A. M. (dir.), *DO*, Città Nuova, Roma, 2000, p. 138. Esta enumeração tradicional, que seria mais próxima do que eram os *Hexapla* de Orígenes não faz a unanimidade entre os estudiosos. Quanto, a saber, se continha mesmo na primeira coluna o texto hebraico, Pierre Nautin nega a sua existência, apoiando-se sobre a sua interpretação do testemunho de Eusébio de Cesareia. Todavia, em *HCt* II, 4, por exemplo, o alexandrino refere-se à verdade do hebraico, o que confirma que teria necessariamente o texto hebraico. Ainda mais, na sua carta a Sexto Júlio Africano, ele revela que era importante conhecer o texto hebraico para poder dialogar/discutir com os judeus (cf. *Ep Afr.* 9). Temos também notícias da Vª versão encontrada na costa do Áccio e da VIª versão que terá sido encontrada num jarro perto de Jericó. Olivier Munnich num artigo com uma certa qualidade crítica chega à conclusão de que as recensões críticas feitas nos *Hexapla* não resultariam apenas de uma comparação da Septuaginta com as diversas versões gregas do Antigo Testamento, mas que se apoia fundamentalmente sobre o texto hebraico. A interpretação de Nautin, por sua vez, não considerou o fato de Eusébio falar anteriormente da aquisição de uma Bíblia hebraica por Orígenes cf. MUNNICH, O. *Ibidem*, pp. 171-179.

Tão importante era para Orígenes o estudo muito acurado da Palavra de Deus, que aprendeu também a língua hebraica e adquiriu a posse de originais das Escrituras conservados entre os judeus, em caracteres hebraicos. Pôs-se à procura de outros textos de tradutores das Escrituras Sagradas, além dos Setenta. Descobriu, em acréscimo às traduções geralmente conhecidas, as de Áquila, Símaco e Teodocião, algumas que trouxe à luz, extraindo-as de ignorados esconderijos, onde estavam há muito perdidas¹²(EUSÉBIO DE CESAREIA. *Hist. ecc.* VI,16,1).

Assim, está muito claro, a partir das fontes que nos restam, que partes significantes da biografia de Orígenes estão marcadas pela preocupação com o nível literal e material das sagradas escrituras. Esta preocupação tem suas fundamentações numa interpretação do todo da sagrada escritura, pensando-as como uma totalidade vivente, em que elementos pneumatológicos e cristológicos serão fundamentais, como veremos agora, antes de entrar propriamente nas descrições dos seus três sentidos. Para Orígenes, o texto bíblico não é escrito por acaso nem de forma não sistemática. Orígenes postula a seguinte afirmação: “a Palavra de Deus não é desordenada, nem prescreveu coisas impossíveis (em sentido moral individual)”(*HCt* II, 8), que o leva a concluir que compreende-se melhor “que a divina Escritura não fale em vão e não empregue nenhuma palavra por acaso” (*HCt* I, 8). É, portanto, possível que haja uma ligação de intertextualidade entre diversos livros da Bíblia, marcando a sua harmonia e oferecendo assim chaves interpretativas¹³. Se as diversas ocorrências de uma palavra ou expressões em toda a Escritura favorecem a sua interpretação pela filologia e facilitam assim a descoberta do seu sentido espiritual, sem passar necessariamente pelo uso da alegoria,¹⁴ é também possível, que a mesma realidade possa receber nomes

¹² Eusébio cita ainda a existência da obra *Tétrapla*, na qual o autor ignorou as duas versões do hebraico.

¹³ De acordo com Munnich, a exegese origeniana está cheia das citações bíblicas, fazendo com que a Escritura seja a primeira língua da exegese, a primeira fonte de inspiração do pregador, deixando o Logos re-inscrever na sua alma e na dos seus ouvintes a sua Palavra. *in. Le rôle de la citation dans l'écriture d'Origène: étude des homélies sur Jérémie. Origeniana X*, 2011, pp.520-536.

¹⁴ A palavra alegoria não é a mais antiga. A ideia que ela traduz exprime a origem pelos termos (suspeita, dúvida ou conjectura): trata-se do “sentido subjacente”, revelado pelo aprofundamento do texto. No sentido restrito, a noção deve ser distinguida de várias outras noções vizinhas: aquela de metáfora que designa propriamente uma transferência de sentido, e, sobretudo aquela de símbolo que reenvia à noção de signo e que faz aparecer uma relação (natural e artificial) entre duas realidades distintas. O enigma não é senão um caso particular de alegoria: a alegoria é um enigma quando ela é um pouco obscura. Mas, em seu sentido mais geral, a palavra pode recobrir o conjunto de suas significações. Cf. FÉDOU. *M. Christianisme et religions païennes dans le 'Contre Celse' d'Origène*. Paris: l'Aquila,

diferentes.

Como dizíamos, além deste estudo aprofundado da letra e da materialidade do texto, em que Orígenes reconhece uma interdependência e intertextualidade fundamental, há um elemento pessoal importante ao se considerar o texto bíblico. Este é entendido como contendo uma função ética e espiritual fundamental no drama da história humana. Intimamente vinculado ao fato de a escritura ser uma realidade viva, entendida como um elemento fundamental da criação e da história da salvação, a vida humana se vincula aos escritos sagrados de modo a marcar seu progresso espiritual e seu retorno para Deus. Através da escritura, o ser humano pode chegar a compreender a si mesmo, ao mundo e a Deus de uma forma muito mais profunda, marcando o próprio sentido de sua vida e os fundamentos dos seus modos de vida.

Para Orígenes, a Escritura, é a fonte de toda a ciência e chave interpretativa da própria vida¹⁵, especialmente a vida humana. Podemos ver assim, um aspecto ético que deve anteceder ou no mínimo acontecer concomitantemente à interpretação do texto sagrado. O discípulo Gregório, o Taumaturgo, em seu *Discurso de Agradecimento* fornece-nos alguns elementos da pedagogia de Orígenes, que era como a de um agricultor, segundo a comparação que faz o próprio Gregório. Depois de endireitar a inteligência pelo treino dialético-crítico, revelando-lhe a inteligência divina na criação pela Física e abrindo a alma pela Moral, Orígenes reconhece na teologia a ciência máxima. Para o seu estudo, depois desta preparação e deste treino da alma, ele convidava a estudar criticamente todos os filósofos, excluindo apenas os ateus, como preparação mais próxima à interpretação espiritual da Escritura, que é, em si, a fonte de todo o conhecimento¹⁶.

Mais do que simplesmente narrar fatos acontecidos que podem ser mais ou menos importantes para nossa vida, a escritura é vista como uma forma do homem moldar a própria vida, como em um espelho, e também di-

1973, p. 120.

¹⁵ Para o mestre alexandrino, o hermeneuta ao interpretar a Escritura é também interpretado por ela, pois a Escritura é como o espelho da alma, aquele que permite um claro exame de consciência, possibilitando e animando o progresso espiritual da alma. Por isso, o próprio conhecimento de si, tão caro à filosofia desde a maiêutica socrática é, segundo ele, mediado pelo *Logos* de Deus, o mesmo que nos fala na Escritura cf. GREGÓRIO TAUMATURGO, *Rem. Orig.* IV, 39. Paris: Cerf, 1969.

¹⁶ *Idem.*, *Rem. Orig.* XIII, 24-XIV, 84.

recionar como viver sua própria vida. Por isso o uso de imperativos no texto sagrado. A necessidade da Escritura, como mediação para o conhecimento dos mistérios divinos, e a profunda sede de quem livremente procura a Deus fazem com que, no texto bíblico, escrito totalmente num contexto da aliança, seja costume usar o imperativo em vez do optativo¹⁷. Em todos estes princípios sobressai a convicção de que as Escrituras contêm um sentido global, disperso em todas as partes tal como o πνεῦμα divino é disperso em todas as partes do universo e, por isso, a Bíblia é como que “um único livro” que oferece as suas chaves hermenêuticas, para quem a sabe ler com atenção¹⁸.

Desta maneira, o livro é entendido como algo muito mais fundamental, eticamente falando, do que só um conjunto de regras e dogmas a serem apreendidos intelectualmente. Para Orígenes, as Escrituras não consistiam apenas em um tratado sobre dogma ou moral, mas sim, como algo muito mais vivo e muito maior. Deve-se salientar pelo menos dois aspectos básicos das Escrituras: 1. Elas são vivas e sempre comunicantes; 2. Há um sentido teleológico entre o velho e o novo testamento, corroborando a ideia já apresentada, da visão da escritura como um todo coeso.

Seu primeiro princípio é que as Escrituras são a própria Palavra de Deus, não uma palavra morta, trancada no passado, mas uma palavra viva e dinâmica que se desdobra e comunica também através do tempo: se no passado, dirigiu um povo, hoje se comunica diretamente com o homem e que também comunicará sempre no futuro, formando o fato de a Escritura ser viva e atemporal. Seu segundo princípio é que o Novo Testamento ilumina o Antigo Testamento já que este não revelou toda a sua profundidade ao seu povo, mas uma vez atualizado pelo advento do Cristo dirá e concluirá a sua mensagem salvífica. Vale ressaltar que para Orígenes, é a alegoria que determina as relações entre os dois Testamentos.

Por fim, antes de entrarmos propriamente nos três sentidos, vale salientar de forma introdutória o sentido cristológico e pneumatológico das escrituras. A Escritura Sagrada, nos seus dois Testamentos para o alexandrino

¹⁷ Cf. *Hom. in Ct I*, 3.

¹⁸ Cf. *Phil. V*, 5-6.

“é revelação de Cristo¹⁹: Cristo mesmo, enquanto *Logos* é Palavra de Deus, neste sentido, não é arbitrário afirmar que para Orígenes Cristo e a Escritura identificam-se: a Escritura é a perene encarnação do *Logos*”²⁰ (SIMMONETTI, 200, p. 424). A Escritura, seguindo a pregação apostólica, deve ser lida integralmente: “Esse Deus justo e bom, Pai do Nosso Senhor Jesus Cristo, nos deu a Lei, os Profetas e os Evangelhos, ele que é o Deus tanto dos apóstolos como do Antigo e do Novo Testamento”²¹ (*De princ.* prefácio 4). Esta dimensão cristológica será melhor trabalhada quando tratarmos dos três sentidos da escritura.

A tradição hermenêutica bíblica dos Padres da Igreja, e Orígenes não é exceção, é marcadamente cristológica. Com isso, exprime-se que a Lei e os Profetas; símbolos do Antigo Testamento são iluminados pelo *lóγος* do Pai, que habitou na humanidade: “E a luz que se contém na Lei de Moisés, antes escondida debaixo de um véu, brilhou com a vinda de Jesus, que afastou o véu e deu a conhecer pouco a pouco os bens cuja sombra possuía” (*De princ.* IV, 1, 7). Assim, os dois testamentos estão centrados em Cristo mediante a leitura tipológica²² veterotestamentária, identificando assim o conteú-

¹⁹ A este respeito Henri Crouzel afirma: “Falando em termos precisos, o cristianismo não é uma religião do livro. O livro é secundário. A revelação é, antes de tudo, uma pessoa: Cristo. Segundo os escritos joaninos, ele é o Verbo, a Palavra de Deus. É Deus falando aos homens, Deus revelando-se. É a Palavra criadora por quem tudo foi criado, em quem está a Vida e a Luz. A Palavra que veio ensinar aos homens e com esse fim fez-se carne. É também a Palavra de Vida que os apóstolos viram com seus próprios olhos, ouviram com seus ouvidos, tocaram com suas mãos. A Palavra fez-se homem para apresentar sua mensagem numa pessoa humana, em atos e gestos humanos: com efeito, toda a vida do Verbo encarnado é Palavra”. Cf. CROUZEL, H. *Orígenes, un teólogo controvertido*. Madrid: BAC, 1998. p. 101.

²⁰ SIMONETTI, M. *Scrittura Sacra. In. Origene: Dizionario: la cultura, il pensiero, le opere*. Roma: Città Nuova, 2000, p. 424.

²¹ Com essa afirmação, Orígenes tenciona refutar a concepção da *persona non grata* e enigmática de Marcião de Sínope, no Ponto (atual Turquia), de cuja comunidade cristã fazia parte, até ser expulso, segundo se diz, pelo seu próprio pai, bispo da cidade. Indo para Roma, ingressou ali em uma comunidade cristã, donde também foi expulso em 144. Fundou então sua própria igreja, que rapidamente se difundiu. Morreu por volta de 160. Como não temos muitos dos escritos de Marcião fica difícil a compreensão de suas ideias, tendo somente fontes indiretas, de combateram-no até o século V, a saber, Tertuliano, Irineu, Hipólito, Clemente, Orígenes, Efrém e Epifânio. Segundo uma publicação recente de GIANOTTO & NICOLOTTI (2009) esses padres ao criticarem Marcião não o fizeram em grego, à exceção de Clemente e Orígenes, de modo que, da a natureza controversa é legítimo a suspeição colocada sobre eles, todavia, todos concordam em um ponto, teria manipulado e mutilado o Evangelho de Lucas, referente às antigas leis judaicas, com o objetivo de ofuscar o Deus da criação e destacar o Deus da redenção, procura anular qualquer referência do Antigo Testamento no Novo. Cf. GIANOTTO, C. & NICOLOTTI, A. *Il vangelo di Marcióne*. Turim: Einaudi, 2019.

²² Veremos mais à frente melhor, mas se trata da interpretação que no Antigo Testamento encontram-se tipos arquetípicos que aparecem novamente no Novo Testamento.

do espiritual com o conteúdo cristológico, dado que em Deus há um único λόγος²³ como vimos anteriormente; a prática da alegoria, que nunca significa negação da letra, mas sim o seu desvelamento ao homem todo.

Também se precisa salientar que, para nosso autor, não há dúvidas de que as “Sagradas letras”, foram compostas pelo Espírito Santo que, ao se comunicar, manteve algumas mensagens escondidas para a maioria²⁴. Para ele, o que está escrito é, de fato, a forma externa de certos mistérios e a imagem das coisas divinas, mas é preciso interpretar os vários sentidos dessas palavras para se entender o que o Espírito quis, de fato, comunicar. Assim, mesmo que toda palavra tenha sido inspirada pelo Espírito Santo e assim esteja de algum modo próxima de nós, é ainda preciso realizar certas tarefas pessoais para se alcançar o sentido espiritual: o homem deve viver algo nele que o possibilite processar a interpretação. Fechado um círculo virtuoso, no entanto, é o próprio Espírito Santo que concede a graça ao homem de interpretar a palavra com sabedoria e ciência, sendo que é também através deste mesmo espírito que alcançamos o que ele mesmo escreveu.

Vale sublinhar o fato de ser necessário uma transformação pessoal para que a correta interpretação ocorra, isto é, deve-se viver pessoalmente tanto a dimensão do Espírito quanto a do Cristo. A interpretação da revelação de uma forma superior não pode ser alcançada de modo imediato e fácil; ela é atingida através de um processo gradual, em um movimento espiritual de purificação e ascensão, que não nega o corpo e os sentidos, mas, que se serve deles para superá-los. Desta forma, tanto o sentido é espiritual quanto o método interpretativo também o é.

A inspiração divina da Escritura confere-lhe uma dimensão misteriosa. Por isso, Orígenes usa com frequência expressões como “debaixo de um

²³ Cf. *De princ.* IV,1,6.

²⁴ Acerca disso, Orígenes declara que. “[...] as Escrituras foram redigidas pelo Espírito Divino, e não têm apenas um sentido aparente, mas também um outro que está implícito e que a maior parte não percebe. O que está na letra é figura de certos mistérios, e imagem das realidades divinas. Nesse ponto, toda a Igreja é unânime: sem dúvida, toda Lei é espiritual, porém nem todos conhecem o que a Lei significa espiritualmente, mas só aqueles que recebem o dom da graça do Espírito Santo na palavra da sabedoria e do conhecimento (1Cor 12,8).Cf. *De princ.* Pref. §8.

véu”,²⁵ “mistérios inefáveis”²⁶, “mistério oculto”²⁷, “sentido profundo”²⁸, “realidades inteligíveis”²⁹, “realidades espirituais”³⁰, etc. para nomear o caráter inspirado do texto bíblico. Orígenes postula que: “o tesouro dos significados divinos está contido dentro do vaso frágil da letra vulgar”(De princ, IV,3,14. Paráfrase de Paulo em Rm 11,33) ou seja, o texto tal como está dado é um revestimento, uma porta de acesso ao verdadeiro sentido da Escritura, inspirada por Deus.

A passagem da “letra” ao “espírito” da Escritura é geralmente apresentada na hermenêutica origeniana com a imagem simbólica das subidas³¹. Este processo implica a totalidade do cristão, que deve progressivamente educar a sua afetividade, o seu amor, para melhor descobrir e aderir a Cristo, de quem fala toda a Escritura. Mais do que um apelo a uma sublimação da afetividade e dos seus diversos sentidos, trata-se, como no processo hermenêutico, de assumi-la profundamente e trabalhar para a sua luminosa ascensão até se dar a união esponsal e mística com Cristo, expressão da maior e melhor configuração da pessoa com Cristo e os seus ensinamentos.

Para o mestre alexandrino, o texto bíblico estava impregnado de profundos mistérios³² em cada palavra, que deveriam ser extraídos através das alegorias, criando um verdadeiro dicionário de interpretações alegóricas, tais como: “cavalo” significando “voz”; “hoje” significando “o tempo presente”; “fermento” significando “ensino”; “nuvens” significando “santos”, dentre outros vastíssimos termos³³. Ele está convencido de que a inteligência presente nas Sagradas Letras é pura graça divina e é revelado aos homens pelo Espírito Santo.

²⁵ Cf. *De princ.* IV,1,6.

²⁶ *Ibidem.* IV,2,3.

²⁷ *Ibidem.* IV,3,9.

²⁸ *Ibidem.* IV,2,7.

²⁹ *Ibidem.* IV,2,9.

³⁰ *Ibidem.* IV,3,5.

³¹ *Ibidem.* II,11,6.

³² Henri De Lubac observa que “a Bíblia está repleta de mistérios: Orígenes o recorda ao longo de seus comentários e homilias. Na história sagrada tudo acontecia no *mistério*. Tudo o que foi escrito é mistério [...] O texto sagrado, portanto, deve ser escutado com a máxima atenção”. cf. LUBAC, Henri. *Storia e spirito: la comprensione della Scrittura secondo Origene*. Roma: Paoline, 1971. p. 135.

³³ DROBNER, H. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 151.

Assim sendo, alegoricamente, o adamantino adverte que o Espírito Santo revela àqueles que marcou com o seu selo, aos seus participantes, o significado das parábolas e as palavras obscuras que ele possui, expressa através dos profetas. Ele torna-os assim reis e seus carismas são designados como tantos reinos, em que “reis são aqueles que subjugaram as paixões, ou aqueles que foram capazes de contemplar. Os carismas do Espírito Santo são chamados de reinos, e por meio deles reinam seus participantes”(Fragm. in Eph., VIII sur Eph., 1, 14). A presença do Espírito Santo em seu selo já nos coloca na posse incipiente do reino celestial, tendo em vista que o Santo Espírito constitui “o pagamento inicial de nossa herança” (cf. Ef. 1,14). Continua o adamantino: “Assim como o pagamento inicial de nossa herança não está fora de nós - pois em cada um está o Espírito Santo da promessa, assim também esta herança não está fora do herdeiro, mas em sua inteligência (*nous*) e em sua alma” (cf. Ef. 1,14). Da mesma forma, o voûç, o intelecto, ponto extremo da alma, é o lugar da imagem, prelúdio da semelhança divina, que será nossa herança por toda a eternidade. Como veremos mais a frente, toda relação entre ser humano e Escritura se funda na relação da imagem de Deus presente no homem (*feito à imagem de Deus*) e da presença de Cristo nas escrituras. Na medida em que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, e na medida em que as Escrituras são unas com o Cristo, a relação entre eles se dá neste nível de paralelismo. Temos aqui um clássico exemplo do *semelhante conhece o semelhante*, sendo que algo em estado embrionário é desenvolvido no ser humano na medida em que ele consegue a graça e a virtude de poder participar dela, e assim compreender as Escrituras em um nível mais profundo que só a letra.

2ª Parte: O sentido das Escrituras: os três níveis de interpretação

No que segue, vamos apresentar esquematicamente, a partir dos apontamentos já levantados, os três sentidos fundamentais da hermenêutica de Orígenes, a saber, o literal, o moral e o espiritual. Apesar de o *locus clássicus* deste tema é o último livro do *De Principiis*, em que se resumem os ensinamentos fundamentais sobre a Escritura como fonte de fé e inspiração, também toda sua obra demonstra, mesmo que indiretamente, sua teoria

sobre as Escrituras. Por um lado, ao analisar os comentários bíblicos realizados por Orígenes, é possível perceber um prestimoso esforço em dar uma exegese “científica” ao texto, já que há neles uma mistura única de notas filológicas, textuais, históricas e etimológicas com observações em caráter teológico e filosófico. Por outro, como veremos, o alexandrino não se limita a um estudo da letra do texto, mas busca seus sentidos profundos, como o sentido moral e o espiritual.

Podemos dividir essa análise tripartite do texto bíblico baseados na tripartição do tempo em passado, presente e futuro. Em primeiro lugar, no sentido literal, a análise se volta para o sentido histórico, que se prende ao significado, à intenção e ao contexto histórico dos autores humanos do texto, enfim, qual sentido que estes quiseram dar ao texto, à época, à geografia e à cultura em que ele foi escrito. Em seguida, o segundo sentido, o moral, abstrai do texto antigo o sentido para a vida moral e existencial, ou seja, Orígenes procura, de forma alegórica, o que o texto diz para o leitor em seu tempo presente. Por fim, o sentido espiritual, que apresenta um modo pelo qual a mensagem pode ser aplicada no futuro. Neste sentido, o texto é visto como escritura viva que sempre diz algo para algum leitor, seja para orientar a conduta, para fazer crescer nele a vida espiritual ou transmitir-lhe alguma profecia do cumprimento da vontade de Deus.

O primeiro nível de interpretação da Escritura é histórico³⁴ e consiste na busca do sentido literal. Apesar de este sentido não estar presente em toda a Escritura, ele é existente na maior parte dela³⁵, e possui grande importância na hermenêutica do adamantino. Como já mencionado, ciente de que toda a Escritura tem um sentido espiritual, mas que nem sempre tem um sentido literal³⁶, nosso autor sabe a importância de investigar profundamente a materialidade do texto e seu sentido primeiro, mais óbvio, diga assim, que sempre será a base sólida que permite o progresso para os outros sentidos. Por isso, vê-se usar de toda a sua arte para estabelecer uma letra ou texto seguro e expor explicitamente o sentido literal, usando dos recursos científicos

³⁴ Também chamado de somático, corpóreo ou carnal.

³⁵ *De princ.* IV,3,4.

³⁶ *De princ.* IV,3,5.

do seu tempo, além de sua formação filológica³⁷. Ainda que não se exigisse um progresso a um nível mais edificante da escritura, há alguns casos em que o sentido literal da palavra basta, como é o exemplo da máxima: “Não matarás!” (*Ex.* 20,13).

Faz-se mister salientar que a importância do sentido literal, na concepção de Orígenes, não consiste em um fim em si mesmo, mas, é a base fundamental que permite ao cristão chegar ao sentido espiritual, que seria, a seu ver, “o mais digno de Deus”, tendo em vista que as vezes a literalidade pode até mesmo ser incoerente³⁸. Todavia, nosso autor admite que em alguns casos, o primeiro sentido contribui por si só para uma boa orientação moral da vida dos cristãos “simples”, oferecendo-lhe modelos e leis. Assim, não há uma desqualificação completa do sentido literal e histórico: pelo contrário, o próprio nos diz que não se deve desmerecê-los:

Dissemos tudo isso para mostrar que a finalidade fixada pelo poder divino que nos deu as santas Escrituras não é compreender somente o que a letra apresenta, pois, às vezes o que é tomado à letra não é verdade, e chega a ser incoerente e impossível; mas que certas coisas foram entretidas na trama da história que aconteceu e da legislação que é útil em sentido literal. Porém, ninguém suspeite, generalizando, que dizemos que nada é história porque alguns acontecimentos não aconteceram, e que nenhuma legislação é para cumprir à letra só porque algumas determinações não são razoáveis, e são impossíveis. Pelo contrário: é preciso dizer que a verdade histórica de alguns fatos é clara³⁹ (*De princ.* IV,4,4).

No entanto, para o cristão em via de progresso, o alexandrino postula que não deve basear-se apenas na letra, uma vez que as realidades espirituais transcendem as letras e não estão circunscritas apenas no universo do

³⁷ Cf. ORÍGENES, *Hom in Ct* II, 11, onde ele fez recurso à ciência natural do seu tempo para apontar o vigor que está na base do nome gazela ou corça.

³⁸ *De princ.* IV,3, 1-4. Aqui Orígenes faz várias citações de incoerências nos dois testamentos, cito alguns exemplos, “Quem é que, sendo sensato, é capaz de pensar que houve um primeiro, e um segundo e um terceiro dias, e uma manhã, quando ainda não havia nem sol, nem lua nem estrelas?” ou ainda “a passagem de Caim fugindo diante de Deus levará aquele que faça uma reflexão sobre isso a se perguntar o que é a face de Deus e o que é fugir diante dela. Que podemos acrescentar a tudo isso? Aqueles que não têm uma inteligência completamente obtusa podem recolher muitas coisas semelhantes, que são representadas como se se tivessem passado, quando afinal não aconteceram desse modo. Mas também os Evangelhos estão cheios de expressões desse tipo: o diabo levou Jesus a uma montanha alta para lhe mostrar lá de cima os reinos de todo o mundo e a sua glória”.

³⁹ A discussão de Paulo em *Romanos* também vai pelo mesmo caminho: não se deve prender à letra do texto, pois o verdadeiro judeu não é aquele que segue apenas o que está escrito, mas aquele que leva a lei no coração.

primeiro nível da linguagem. A inteligência espiritual se sobrepõe à sintaxe, como o próprio autor nos sugere:

há realidades cujo significado não pode ser adequadamente explicado por nenhuma exposição da língua humana, mas que são afirmadas mais por um ato de simples inteligência do que pelas qualidades das palavras. Deve-se conservar essa regra para a compreensão das divinas Escrituras, ou seja, avaliar o que é dito não pela baixa qualidade das expressões, mas pela divindade do espírito santo que lhe inspirou a redação. (*De princ.* IV,3,15.)

O segundo método se volta para um nível um pouco mais profundo da escrita, seu sentido moral⁴⁰ e, assim como o próximo sentido, o espiritual, utiliza-se do método alegórico. O sentido alegórico, na perspectiva origeniana, está profundamente marcado pela leitura cristológica, propriamente tipológica da Escritura. A tipologia (do grego τύπος = imagem, figura) é um recurso hermenêutico que estabelece a correspondência entre pessoas, acontecimentos e instituições, por ver entre elas um estreito liame. Assim, o elemento anterior da correspondência vem considerado como *typus* do posterior, chamado *antitypus*, enquanto este torna manifesto e dá o pleno significado ao *typus*. Assim, p.ex., é muito frequente na literatura patrística tipologias como: arca ↔ Igreja; Moisés ↔ Cristo; Eva ↔ Maria; passagem do Mar Vermelho ↔ Batismo, etc. Assim, tanto em seu nível moral quanto em seu nível espiritual, as Escrituras são analisadas pelo método alegórico e tipológico.

A prática alegórica de nosso autor está motivada tanto pela convicção da existência de um outro sentido sob o véu da letra, quanto pela convicção de que a Escritura tem sempre uma eficácia soteriológica para o leitor contemporâneo. Com essa eficácia, ela orienta o ser humano no seu nível moral isto é, ela o direciona nas decisões que deve tomar e no aprimoramento de sua própria alma no que tange às virtudes. A interpretação moral da Escritura está relacionada à vida virtuosa que o cristão é convidado a viver neste mundo, e neste sentido não se remete necessariamente a níveis espirituais ou místicos da dimensão humana. Deve-se pensar que a vivência de uma vida virtuosa está também em Orígenes na esteira da concepção que a virtude é uma saúde da alma e o filósofo que a insufla é como um médico

⁴⁰ Pode aparecer também como sentido tropológico ou psíquico.

que cura da doença da ignorância⁴¹. A Escritura, no itinerário espiritual, tem uma função terapêutica, destinada à salvação dos homens no que concerne também à sua reflexão sobre o moralmente correto a se realizar no mundo e para com o próximo. A Palavra de Deus “é como um médico que utiliza os meios terapêuticos mais variados, mas, sempre adequado aos enfermos. Esta variedade de tratamento é possível porque a Palavra de Deus possui todas as virtudes terapêuticas”⁴²(FERNÁNDEZ, 1999, p.272). Nesta etapa do progresso espiritual, o exercício do conhecimento de si é fundamental, pois o leitor coloca suas afeições e desejos em confronto com a Palavra de Deus⁴³.

Por fim, o sentido espiritual⁴⁴ da Escritura reclama-se pela própria natureza do Deus trinitário que é espírito. Feita para nos revelar os mistérios de Deus e contribuir para a nossa salvação, a Escritura cumpre esta sua finalidade no seu verdadeiro sentido que é, por excelência, espiritual. Na leitura de Orígenes, levando-se em consideração que o Filho é quem nos revelou plenamente o Pai, sob a ação do Espírito Santo, o sentido espiritual é geralmente aquele que nos revela os mistérios de Cristo, segundo a “dialética” entre a sua humanidade e a sua divindade. Por isso, Orígenes adverte que, faz-se mister ter o *nous*, a “mente” de Cristo.

Considerando o Cristo como a chave de leitura de toda a Escritura, o sentido espiritual descobre-se quer horizontalmente, pela tradicional leitura tipológica da Escritura, quer verticalmente, considerando as realidades terrestres presentes no texto sagrado como imagens e símbolos das realidades celestes. Esta dinâmica progressiva no seio do próprio sentido espiritual traduz bem a distinção que ele estabelece entre o Evangelho temporal e o Evangelho eterno⁴⁵. Porém, a apreensão das realidades mistéricas é inesgotá-

⁴¹ Por exemplo, em Epicuro a filosofia é definida como uma forma de terapia e também no diálogo de Platão *Gorgias*, em que o filósofo é comparado ao médico da alma. Ver TESOUNA, V. “Epicurean Therapeutic Strategies” in WARREN, J. *Cambridge Companion to Epicureanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

⁴² Cf. FERNÁNDEZ, Samuel. *Cristo médico, según Orígenes: la actividad médica como metáfora de la acción divina*. Roma: Augustinianum, 1999. p. 272.

⁴³ Para maior aprofundamento, recomendo a leitura do *Comentário ao Cântico dos Cânticos II*, 5,1-40.

⁴⁴ Também pode ser referido como místico ou pneumático.

⁴⁵ Cf. *Com in Io I*, §39-40: se o Evangelho temporal nos permite contemplar os mistérios de Cristo mediante um espelho, o Evangelho eterno ou espiritual mostra claramente, aos que compreendem “face a face”, os mistérios do Filho de Deus.

vel, permanecendo sempre algo que escapa ao contemplante, à semelhança da amorosa dos amantes do *Cântico dos Cânticos*.

Cumpramos reforçar que o sentido alegórico está tanto na leitura moral quanto na espiritual. Muitas vezes, porém, entre este sentido moral e o espiritual, que o segue, não há, teoricamente, uma homogeneidade. No sentido espiritual, o sentido moral já não diz respeito à alma em si, com os seus vícios e virtudes, segundo uma descrição psicológica, convidando-a a uma simples ética, mas situa-a na História da Salvação: trata-se agora da alma que já está marcada pelos mistérios cristãos, incorporada em Cristo. A sua vida moral é, neste sentido, sinal da sua fidelidade à configuração mística com Cristo, de tal maneira que a sua “beleza” deriva agora do seu conhecimento de Cristo e da sua penitência⁴⁶. Por isso, a dimensão parenética que anima organicamente esta segunda sequência, mais usada nas suas *Homilias*, convida o cristão a viver, no mundo, segundo o Espírito de Cristo.

Para compreendermos esses três sentidos das escrituras e especialmente como o sentido espiritual atua de modo a fazer nascer a natureza de Cristo nos cristãos, precisamos fazer a correlação com o ser humano e com sua também tripartite divisão. Segundo Orígenes, há também três aspectos do ser humano que se relacionam com os três sentidos das Escrituras e devem por elas serem edificados.

O método que se nos mostra impor-se no estudo das Escrituras e da compreensão do seu sentido é este, que já está indicado nas próprias Escrituras. Nos Provérbios de Salomão, encontramos esta diretriz concernente às doutrinas das divinas Escrituras: “E tu inscreve estas coisas três vezes na consciência e no conhecimento, para que possas responder com palavras verdadeiras às perguntas que te fizerem” (Pr 22,20-21). É preciso, portanto, inscrever três vezes na própria alma os pensamentos das Escrituras santas: quem é mais simples a fim de que seja edificado pelo que é como que a carne da Escritura – assim chamamos o sentido imediato; o que ascendeu um pouco que o seja pelo que é como que a alma; mas o perfeito, o seja pela lei espiritual, que contém uma sombra dos bens que hão de vir (*De princ.* IV,2,4.).

Esta tripartição comporta na teologia origeniana uma dimensão antropológica, dada pela seguinte passagem paulina: “[...] que Deus vos santifique o espírito, a alma, o corpo. Que ele vos santifique todo inteiro e que

⁴⁶ Cf. *Hom in Ct I*, 6 referindo-se à origem da beleza da Esposa (alma) que é “negra e formosa”, Orígenes afirma: “ela fez penitência dos seus pecados e a sua profunda conversão deu-lhe a beleza e por isso é que ela é chamada de formosa”.

todo o vosso ser, – o espírito, a alma, o corpo – seja guardado sem mácula para a parusia de nosso Senhor Jesus Cristo”⁴⁷ (1Ts 5,23). A partir desse texto Orígenes afirma: “Assim como o homem é composto de corpo, de alma e de espírito, assim é a Escritura que, na sua Providência, Deus deu para a salvação dos homens”(De princ. IV,1,4.). É notório a estreita relação que une escritura, antropologia e espiritualidade em suas obras, aspirando o progresso do homem, enquanto via de retorno para Deus.

Uma vez que a Escritura é útil para a edificação e salvação do homem, conclui-se que ela deve edificar o homem todo na sua tríplice dimensão: corpo, alma e espírito. Por conseguinte, o sentido literal, histórico ou corporal constitui o “corpo” do texto enquanto o sentido escondido pode aplicar-se quer à alma, dando assim o sentido moral, quer ao espírito, constituindo o sentido espiritual. A estrutura tríplice substitui, então, a ideia fundamental de uma dupla lisibilidade dos textos, pois, segundo o mestre alexandrino, Deus quis que a Escritura fosse constituída à imagem do homem, seu destinatário⁴⁸. Este argumento antropológico, afirma a pedagogia divina de salvar os três tipos de homem: os “simples”, os “proficientes” e os “perfeitos”.

Vale ressaltar que essa divisão tríplice também comporta uma visão da evolução do cristão e dos textos que devem ser lidos correlatos a cada etapa de sua ascensão. Orígenes apresenta aos discípulos uma leitura progressiva de alguns textos atribuídos a Salomão: *Provérbios*, *Eclesiastes* e *Cântico dos Cânticos*. O livro dos Provérbios corresponde à vida moral (ética); o livro do Eclesiastes corresponde à física, ou, consideração do mundo sensível; e, finalmente, o Cântico dos Cânticos corresponde à teologia, contemplação.

A analogia que existe entre o triplo sentido da Escritura e a antropologia tricotômica de Orígenes testemunha o próprio caminho que Deus faz com o homem, convidando-o às realidades celestes para as quais pre-dispõem o seu desejo natural. Ora, se o movimento é conatural a qualquer ser anímico, o desejo natural, comum a todos os homens pela sua natureza

⁴⁷ Αὐτὸς δὲ ὁ θεὸς τῆς εἰρήνης ἀγιάσαι ὑμᾶς ὀλοτελεῖς, καὶ ὀλόκληρον ὑμῶν τὸ πνεῦμα καὶ ἡ ψυχή καὶ τὸ σῶμα ἀμέμπτως ἐν τῇ παρουσίᾳ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τηρηθεῖη (1Ts 5,23).

⁴⁸ *Ibidem.* IV,2,4.

de criatura, que provoca este movimento, vai ao encontro do livre arbítrio, que reside na alma, para definir a personalidade individual⁴⁹.

Por fim, algumas palavras sobre a dimensão do *eros* na leitura das Escrituras. Podemos concluir que a antropologia espiritual de Orígenes que é dinâmica e tendencial em um contexto de combate espiritual, descobre assim no desejo natural ou “amor à verdade”, em nós colocado por Deus⁵⁰, um dos seus motores, que há-de orientar o homem até ao seu fim último, a visão beatífica, por Cristo. Em outras palavras, sua hermenêutica consiste também em um exercício espiritual à procura de Deus.

A inquietação transcendental a que o homem está sujeito é uma procura e o objetivo desta procura é o encontro com Deus, tal qual a esposa do *Cântico* que procura seu amado pela noite⁵¹. Este encontro/relação que se dá tanto a nível eclesial quanto a nível pessoal, consiste em uma harmonia entre o coletivo e o individual e não em algo mecânico e uniforme. Esta relação diversificada de Deus com a humanidade é expressa, sobretudo na Encarnação do *lóγος*, que constitui a imagem perfeita da sua plena união. Esta relação especial entre homem e Deus através do *logos* encarnado se torna possível, pois há uma capacidade ontológica no homem de ser afetado e de se relacionar com os seus semelhantes, mas, sobretudo, com seu Deus. É como se houvesse a possibilidade de se experimentar uma *estadia divina no coração de cada indivíduo*, possibilidade esta que motiva e que alimenta o progresso espiritual, sendo *o amor* o terreno por excelência dessa relação.

Orígenes reconhece que na Escritura o vocábulo *ἔρως*⁵² não era usual comumente, sendo substituído pelo termo *ἀγάπη*, que denota, por assim dizer, uma forma de amor mais afetiva e terna, sem conotação sexual. O amor, tanto na dimensão de *ἀγάπη* quanto de *ἔρως*, é dom de Deus e para ele deve tender. De modo que para nosso autor, a interpretação da Escritura, deve ser mediada por um movimento afetivo, que se torna procura de uma presença que, uma vez encontrada, deixa a alma do indivíduo “ferida de caridade”, mediante a “beleza” e a “graça do Verbo de Deus”, possibilitando,

⁴⁹ *Comm in Ct.* II, 11,1.

⁵⁰ *Ibidem.* II, 11,4.

⁵¹ Cf. *Ct.* 3,1-5.

⁵² A noção de *eros* na categoria filosófica em Alexandria, já não era tanto vinculada ao Cupido, mas já havia sido modificada por Platão que, no *Banquete*, considerou o filósofo, o amante da sabedoria, alguém habitado pelo desejo da sabedoria.

assim, a ascensão a um progresso, que se dá através dos três sentidos da Escritura e no exercício espiritual.

Tu então, que és espiritual (1 Cor 3,1), ouve espiritualmente ser cantadas estas palavras de amor e aprende a levar para as coisas melhores o movimento da tua alma, tal como o ardor do teu amor natural, segundo a seguinte palavra: ama-a (a sabedoria) e ela guardar-te-á; rodeia-a e ela exaltar-te-á (Pr 4, 6)⁵³.

Assim, partindo dos sentidos corporais é possível adquirir e cultivar progressivamente os sentidos espirituais, porque o seguimento amoroso de Cristo oferece um conhecimento que é adesão progressiva até à união com ele, cume do conhecimento⁵⁴. Esta revelação é, porém, um dado escondido sob o véu quer da “letra” quer da “carne”, a fim de progredirmos na sua descoberta e sermos dignos de acolher o seu sentido espiritual⁵⁵. A finalidade de toda a nossa relação com a Escritura é a abertura individual ao amor de Deus e à sua ação transformadora, é abrir-se ao amor.

Para Orígenes, o amor consiste em um dos movimentos da alma, que utiliza-se bem para amar se se amar a sabedoria e a verdade; todavia, quando o amor se precipita no mal, de fato, é a carne e o sangue que se ama⁵⁶. Recebendo do Pai a existência, do Filho a razoabilidade e do Espírito Santo a santidade, o homem, movido pelo desejo natural e pelo seu livre arbítrio, é capaz da virtude ou do vício. Sob a ação da graça divina e da liberdade individual, o homem deve optar por se configurar cada vez mais a Cristo, atualizando a imagem e a semelhança. Orígenes adverte-nos que não devemos nos unir firmemente a nada, porque a nossa única preocupação deve ser amar a Deus.

O amor deve ser voltado inteiramente para Deus, o qual deve ser amado de todo o coração, de toda a alma e com todas as forças⁵⁷. O amor a Deus, que se traduz de uma forma diferente do amor às criaturas, não tem medida: “(...) amar a Deus não tem modo nem medida, a não ser esta: que

⁵³ Cf. *Hom in Ct II*, 2.

⁵⁴ CROUZEL, H. *Origène et la connaissance mystique*, p.518.

⁵⁵ Cf. ORÍGENES, *Hom in Lev I*, 1: estabelece-se aqui uma analogia entre estas duas manifestações do *Logos*, mostrando que se Cristo, na sua corporeidade se deu a conhecer a todos, só alguns conheceram a sua divindade. Isto não tem nada a ver com um certo esoterismo, mas com a necessidade do progresso espiritual na descoberta dos mistérios divinos já escondidos na Escritura.

⁵⁶ Cf. *Hom in Ct II*, 1.

⁵⁷ cf. Mt 22,39.

lhe entregues tudo o que tens, pois em Jesus Cristo Deus deve ser amado de todo o coração, com toda a alma, e com todas as forças” (Mt 22,39) e aqui não há nenhuma medida. Nosso autor reconhece que “só o amor nos configura a Deus”⁵⁸ (Cf. *Hom. in Jr.* V, 2.). Nesse sentido, Orígenes usa com frequência a afirmação de São João: “Deus é amor”⁵⁹ (1Jo 4,8). E avança:

Amemo-nos uns aos outros porque o amor vem de Deus (1Jo 4,7), diz ele; e logo Deus é amor (1Jo 4,8). Nisso ele mostra como Deus é amor, e também que quem vem de Deus é amor. Ora, quem vem de Deus senão aquele que diz: Eu saí de Deus e vim a este mundo? (Jo16, 28). Porque se Deus Pai é amor e o Filho é amor, e, amor e amor em nada diferem entre si, conseqüentemente o Pai e o Filho são um e em nada diferem. Por isso é correto dizer que Cristo é Amor, tal como se diz que é Sabedoria, Poder, Justiça, Palavra e Verdade (cf. 1Cor 1, 24.30), e também diz a Escritura que, se o amor permanece em nós, Deus permanece em nós (cf.1Jo 4, 12), ora, Deus, isto é, o Pai e o Filho, vêm até àquele que é perfeito no amor (1Jo 4,18), conforme a palavra do Senhor e Salvador, quando diz: Eu e meu Pai viremos até ele e nele faremos nossa morada’ (Jo 14, 23)⁶⁰.

Deus que é amor não ama nada de terreno, material e corruptível. Ele é a fonte da incorruptibilidade e da imortalidade, por isso, seu amor jamais se corrompe ou se extingue. O amor sustenta assim a possibilidade humana de progredir nos diversos sentidos da Escritura, e *conhecer* melhor o *Cristo-Logos*, conhecimento este que não se limita ao campo intelectual ou doutrinal, mas que no entender de Orígenes, deve traduzir-se na vida, no dia-a-dia, através das boas obras, até à possibilidade de uma união mística da alma humana com Deus⁶¹.

O amor é como se fosse a chave que permite perceber a objetividade dos três sentidos da Escritura, vistos também como três modos diferentes do homem ser tocado e transformado pela mesma Escritura. A dimensão cognitiva, que marca este processo hermenêutico ascensional, é, portanto, indissociável da afetividade que informa as próprias estruturas da inteligência, como fonte de conhecimento e exercícios cognitivos originais: o conhecimento de Deus nunca se dissocia do amor a Deus, tornado visível na vida quotidiana. E essa relação era muito importante na antiguidade, sobretudo

⁵⁸ ἡ γὰρ ἀγάπη κολλᾷ ἡμᾶς τῷ θεῷ. O amor nos une fortemente a Deus.

⁵⁹ cf. 1Jo 4,8: ὅτι ὁ θεὸς ἀγάπη ἐστίν.

⁶⁰ *Comm in Ct.* prol. II, 48.

⁶¹ Nosso autor fala em matrimônio no *Comentário ao Cântico dos Cânticos*.

na epistemologia, uma vez que o conhecimento estava no afeto e no amor, o órgão do conhecimento era o coração⁶², e que chegou na língua portuguesa uma máxima conhecida por todos: *saber de cor*, ou seja, saber de coração.

Acreditamos que, desta maneira, concluímos nosso objetivo principal neste artigo, que era apresentar os elementos principais que configuram os três sentidos da escritura de acordo com Orígenes. Estes sentidos não podem estar dissociados da visão mais ampla da antropologia construída pelo alexandrino, que vê o papel central das Escrituras no drama salvífico em que o ser humano está inserido. Sendo também o homem tripartido, cada dimensão da Escritura corresponde a uma dimensão humana, conferindo uma relação recíproca entre o humano e o *logos* encarnado também na letra do texto sagrado. Na medida em que o Antigo e o Novo Testamento foram construídos com um sentido primário de apresentação da boa nova do Cristo encarnado, são eles mesmos uma forma da encarnação da dimensão cristológica da trindade.

Recebido em 06/02/2021 e aprovado em 16/02/2021

REFERÊNCIAS

Fontes

EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. (Col. Patrística n. 15) São Paulo: Paulus, 2000.

GREGÓRIO TAUMATURGO. *Remerciement à Origène*. Paris: Éd. du Cerf, 1969 (SC 148).

ORÍGENES. *Tratado sobre os Princípios*. (Col. Patrística n. 30) São Paulo: Paulus, 2012.

_____. *Contra Celso*. (Col. Patrística n. 20) São Paulo: Paulus, 2000.

_____. *Homilias e Comentário ao Cântico dos Cânticos* (Col. Patrística n. 38) São Paulo: Paulus, 2019.

_____. *Homélie sur la Gèneses*. Paris: Éd. du Cerf, 1943 (SC 7).

_____. *Homélie sur L'Éxode*. Paris: Éd. du Cerf, 1985 (SC 321).

⁶² No livro de Provérbios se diz “A sabedoria habitará em teu coração” (2,10).

_____. *Homélie sur les Nombres*. Paris: Éd. du Cerf, 1999(SC 442).

_____. *Homélie sur le Cantique des Cantiques*. Paris: Éd. du Cerf, 1953.

_____. *Commentaire sur le Cantique des Cantiques*. 2 vols. Paris: Éd. du Cerf, 1991 (SC 375).

_____. *Commentaire sur Sainte Jean*. 3 vols. Paris: Éd. du Cerf, 1975 (SC 222).

_____. *Philocalie 1-20 sur les Écritures*. Paris: Ed. du Cerf, 1983 (SC 302).

PLATÃO. *Timée Critias*. Paris: Flammarion. 2001.

Dicionários

BARDY, G. “Origène” In: do *Dictionnaire de Theologie Catholique*. Tomo XI, parte 2. Paris: Letouzey et Ané, 1932.

DICIONÁRIO DE MÍSTICA. São Paulo: Loyola, 2003.

DICIONÁRIO PATRÍSTICO E DE ANTIGUIDADES CRISTÃS. São Paulo: Paulus, 2002.

DICIONÁRIO DE LITERATURA PATRÍSTICA. São Paulo: Ed. Ave Maria, 2011.

ORÍGENE DIZIONARIO: la cultura, il pensiero, le opere. Roma: Città Nuova Editrice, 2000.

Referências

ABBATE, M, *Il divino tra unità e molteplicità*, Saggio sulla Teologia Platonica di Proclo, Milano: Edizioni dell’Orso, 2008.

BEZERRA, C.C. “Poesia e Mistagogia: os comentários à República de Proclo”. In BAUCHWITZ, O. F.(Ed.) *Proclo: Fontes e Posteridade*. Natal: Caule de Papiro, 2018.

CROUZEL, H. *Origène*. Paris: Dessain et Tolra, 1985.

_____. *Theologie de l’image de Dieu chez Origène*. Toulouse: Ed. Montaigne, 1956.

_____. *Origène et la connaissance mystique*. Bruges/Paris: Desclée de Brouwer, 1961.

_____. *Orígenes, un teólogo controvertido*. Madrid: BAC, 1998.

_____. *Origene et Plotin: comparaisons doctrinales*. Paris: Tequi, 1991.

_____. Origène et la structure du sacrement. *BLE* n. 63. Paris (1962) pp. 81-104.

DANIÉLOU, J. *Origène*. Paris: La Table Ronde, 1948.

DILLON, J. *I medioplatonici. Uno studio sul platonismo*. (80 a.C. – 220 d.C). Milano: Vita e Pensiero. 2010.

DROBNER, H. *Manual de Patrologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

DUHOT, J-J. *Epicteto e a sabedoria estoica*. São Paulo: Loyola, 2006.

DUPUIS, J. *L'esprit de l'homme*. Paris: Desclée de Bronwer, 1967.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *História das crenças e das ideias religiosas*. 3.v. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FERNÁNDEZ, Samuel. *Cristo médico, según Orígenes: la actividad médica como metáfora de la acción divina*. Roma: Augustinianum, 1999.

GIANOTTO, C. & NICOLOTTI, A. *Il vangelo di Marcione*. Turim: Einaudi, 2019.

GILSON, É. *La Filosofía en la Edad Media*. Madrid: Gredos, 1976.

HADOT, P. *Que es la filosofía antigua*. Fondo de Cultura Económica: México, 1998.

HARL, M. "Introduction". In ORIGÈNE. *Philocalie 1-20 sur les Écritures*. Paris: Ed Cerf, 1983 (SC 302).

JAEGGER, W. *Cristianismo primitivo y paideia griega*. 5ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

JAMES, W. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1991.

LILLA, S. *Dionigi l'Areopagita e Il platonismo Cristiano*. Brescia: Editrice Morcelliana, 2005.

LUBAC, H. *Storia e spirito: la comprensione della Scrittura secondo Origene*. Roma: Paoline, 1971.

MAY, G. *Creatio ex nihilo. The doctrine of creation out of nothing in Early christian thought*. London: T&T Clark International. 2004.

MC GINN, B. *As fundações da mística: das origens ao século V*. Tomo I. São Paulo: Paulus, 2012.

MORESCHINI, C. *História da Filosofia Patrística*. São Paulo: Loyola, 2008.

ORBE, A. *La teologia dei secoli II e III*. Il Confronto della Grande Chiesa con lo gnosticismo. v. I. Roma: Editrice Gregoriana. 1995.

ORTENSIO DA SPINETOLI. *Matteo. Commento al Vangelo della Chiesa*. Assise: Cittadella Editrice, 1973

PRAT, F. *Origène, le théologien et l'exégète*. Paris: Librairie Bloud, 1907.

QUASTEN, J. *Patrología: hasta el concilio de Nicea*. v.I. 3. ed. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1984.

RIST, J. M. *Eros and Psyché: Studies in Plato, Plotinus and Origen*. Toronto: University of Toronto Press, 1964.

SNELL, B. *A Descoberta do Espírito*. Lisboa: Edições 70, 1992.

SIMONETTI, M. *Lettera e/o Allegoria*. Un contributo alla storia dell'exege-
si patrística. Roma: Institutum Patristicum "Augustinianum", 1985.

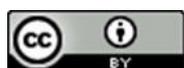
_____. *Origene esegeta e la sua tradizione*. Brescia: Morcelliana, 2004.

TESOUNA, V. "Epicurean Therapeutic Strategies". In: WARREN, J. *Cambridge Companion to Epicureanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

VANNINI, M. *Introdução à mística*. São Paulo: Loyola, 2005.

VAZ, H. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *Antropologia filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1991.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.